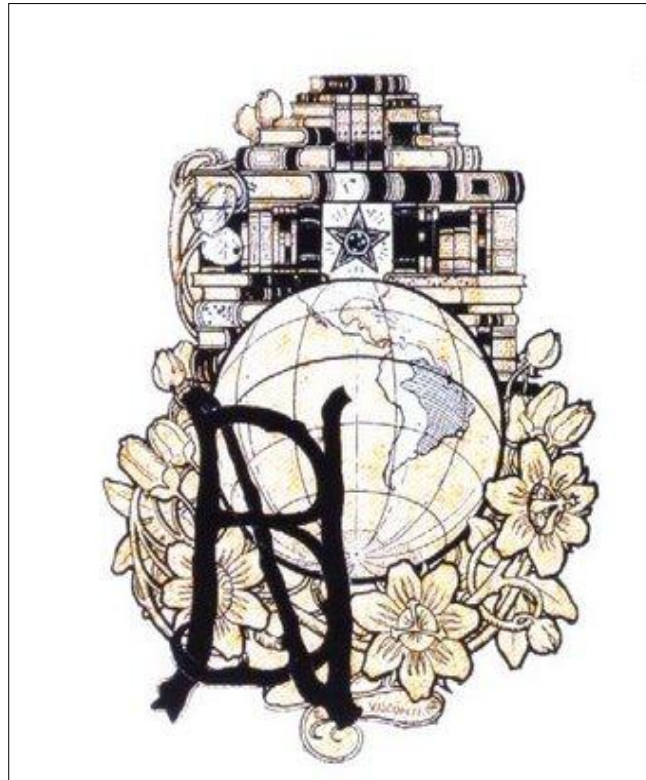


# Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa  
2012

# Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC



Ana Letícia Canegal de Almeida

*O Jornal dos Sports e a promoção de eventos esportivos no Rio de Janeiro*

**2012**

# O Jornal dos Sports e a promoção de eventos esportivos no Rio de Janeiro

Ana Letícia Canegal de Almeida<sup>1</sup>

## Introdução

O Jornal dos Sports, periódico criado em 1931, foi o primeiro jornal com temática esportiva a circular diariamente no Brasil. Sua importância consolidou-se especialmente após a chegada de Mario Filho, renomado jornalista, à direção em 1936. Uma nova forma de se fazer jornalismo esportivo foi elaborada, e Filho foi o grande responsável por isso.

Foi ele também o responsável por criar e realizar eventos que marcariam a história do Jornal dos Sports e do mundo esportivo no Rio de Janeiro e no Brasil. De campeonatos de bairro a torneios que mobilizaram multidões e ganharam reconhecimento internacional, os eventos promovidos pelo Jornal dos Sports eram sucesso de público e crítica, além de serem uma excelente estratégia de marketing para o jornal. Muitas vezes, parecia que o JS<sup>2</sup> se nutria apenas de noticiar os próprios feitos.

O presente trabalho tem como proposta analisar os eventos esportivos promovidos pelo Jornal dos Sports no Rio de Janeiro entre os anos de 1936 e 1966, anos cuja presidência do jornal era ocupada por Mario Filho. Foi realizado o levantamento de diversos eventos, de diferentes esportes e objetivos, porém com alguns traços comuns. Como seria uma tarefa muito difícil dar conta de todos, optei por privilegiar dois que considere os mais significativos, tanto pelo porte, pela assiduidade, significados e características: os Jogos Infantis e os Jogos da Primavera.

Mario Filho foi de fundamental importância para a realização dos eventos do Jornal dos Sports. Figura bem relacionada com políticos, jornalistas, presidentes de clubes, jogadores, soube aproveitar-se do livre trânsito que tinha em diversos setores da sociedade para levar a frente os projetos do jornal. Grande parte dos eventos realizados pelo JS tinham como parceiros os clubes de futebol do Rio de Janeiro, associações de bairro, federações esportivas, outros jornais e, em uma instância maior, Prefeitura e Governo do Estado e Federal.

O Rio de Janeiro é o cenário utilizado pelo JS para a realização dos eventos. Designada pelo jornal como “cidade sportiva”, é explorada de diversas formas, com a

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais pela PUC-Rio e bolsista do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP) da Fundação Biblioteca Nacional em 2013.

<sup>2</sup> O “Jornal dos Sports” será referido também como “JS” ao longo do texto.

ocupação de diferentes espaços para a promoção do esporte. Praias (especialmente a de Copacabana), Quinta da Boa Vista, Lagoa Rodrigo de Freitas, Estádio de São Januário, Aterro do Flamengo e, a partir de 1950 o Maracanã, foram lugares que sediaram alguns dos eventos do Jornal dos Sports.

As ações realizadas pelo JS em geral tiveram impacto sobre o cotidiano da cidade, algumas vezes ultrapassando o contexto esportivo. Muitas delas ainda estão na memória dos moradores, que na época chegaram a participar dos eventos ou apenas acompanharam e torceram.

### **Mario Filho e a imprensa esportiva no Rio de Janeiro**

Mario Filho e o Jornal dos Sports foram de extrema importância para a imprensa esportiva e para o cenário esportivo do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX.

A imprensa esportiva chegou ao Brasil junto com a popularização do esporte, em finais do século XIX e início do século XX. As revistas começaram a fazer matérias associando esporte e saúde, e os jornais passaram a cobrir os eventos e competições esportivas, mesmo este sendo ainda considerado um tema de menor importância nos periódicos (MEINICKE, 2011).

O esporte foi um dos campos sociais estudados pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. O conceito “campo” elaborado pelo autor aplica-se aos estudos esportivos. “Campo”, para Bourdieu, é um espaço de relações sociais entre agentes que compartilham interesses em comum, mas que não dispõe dos mesmos recursos e competências: é um espaço de disputa entre dominantes e dominados. Em cada campo há interesses compartilhados que garantem a sua existência. Os agentes são dotados de *habitus* - habilidades adquiridas que conhecem, reconhecem e legitimam as regras dos “campos”. Para cada “campo”, os atores sociais estão dotados de um *habitus* específico.

O sociólogo afirma sobre a existência de um “campo esportivo”, que é um espaço social *relativamente autônomo* cujos atores sociais definem regras e os valores que compõem o campo. Destaco o “relativamente autônomo” porque o esporte não pode ser pensado a parte da economia ou da política, e o Jornal dos Sports é um exemplo disso.

Em seu texto “Como ser esportivo”, o autor pergunta como se produz a demanda por produtos esportivos ou o interesse por um esporte mais do que por outros. Para

responder a essas perguntas, Bourdieu diz que é importante entender sobre as condições sociais e históricas em que despontou o “esporte moderno”, excluindo desse processo qualquer naturalidade. Deve-se saber

(...) sobre as condições sociais que tornaram possível a constituição do sistema de instituições e de agentes direta ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos, desde os agrupamentos ‘esportivos’, públicos ou privados, que têm como função assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um esporte determinado e, ao mesmo tempo, elaborar e aplicar as normas que regem estas práticas, até os produtores e vendedores de bens (equipamentos, instrumentos, vestimentas especiais, etc.) e de serviços necessários à prática do esporte (professores, instrutores, treinadores, médicos especialistas, jornalistas esportivos, etc.) e produtores e vendedores de espetáculos esportivos e de bens associados (malhas, fotos dos campeões ou loterias esportivas, por exemplo). (BOURDIEU, 1983, p. 136-137)

O esporte se constrói como “campo” também no momento em que a imprensa esportiva ganha forças e passa a compor esse “campo”. E, de certa forma, o cenário esportivo carioca se constitui quando esse “campo” se solidifica, especialmente a partir do Jornal dos Sports. A fala do antropólogo José Sergio Leite Lopes sobre futebol e o processo de profissionalização no Brasil corrobora com as idéias descritas anteriormente. Para ele,

a invenção do jornalismo esportivo é, assim, paralela à invenção do futebol profissional; são dois aspectos da mesma invenção. O caso de Mário Filho mostra como ele contribuiu para a invenção simultânea de uma forma de escrita e de uma forma de espetáculo. Mas essa dupla invenção só é possível com a condição de instaurar-se um mercado profissional de jogadores e um mercado jornalístico que tem interesse nesse mercado esportivo. De uma certa maneira, é o jornal que cria a demanda e que produz o evento, quer dizer, torna-o *visível* como fenômeno político ou nacional. Ou seja, a ação da imprensa é ‘reescrever’ o evento, classifica-lo numa outra categoria de eventos que não aquela à qual pertencia enquanto fenômeno esportivo. (LOPES, 1994, p.82)

Logo, a partir do conceito desenvolvido por Bourdieu, é possível pensar na relação entre imprensa e esporte, já que ambos compõem o chamado “campo esportivo”. De toda forma, “a proposta analítica de Bourdieu para o esporte é um convite para pensar e investigar, de modo crítico, a economia, o Estado, a política e suas relações com o esporte, a cultura e a vida cotidiana. Trata-se de fazer uma sociologia política do esporte” (RODRIGUES, 2005, p.123).

A família Rodrigues sempre esteve envolvida com o jornalismo. O pai de Mario Filho, Mario Rodrigues, fundou em 1925 o periódico “A Manhã” e nele tanto Nelson Rodrigues quanto Mario Filho iniciaram suas carreiras. Este, por sua vez, era o responsável pelas páginas esportivas do jornal. Três anos depois, Rodrigues fundou outro jornal, “Crítica”, e nele Filho contou com maiores recursos para o jornalismo esportivo, implementando as primeiras mudanças na forma de cobrir esporte:

Mário Filho acabou com as tradicionais fotos dos jogadores de gravata e paletó, substituindo-as por fotografias deles em ação nos campos, com o uniforme do clube, geralmente em closes ampliados. As matérias assim ilustradas, com textos de eventos interessantes e grandes manchetes, transformaram o futebol em algo que ajudava a vender jornal. (MEINICKE, 2011, p.7)

As mudanças implementadas por Filho e que marcaram a história do jornalismo esportivo carioca, foram determinadas também pelo processo de popularização do futebol. À medida que este esporte caía nas graças do povo, tornou-se maior a necessidade de se falar sobre ele. E mais, de se falar de uma forma diferente da que se fazia: agora era importante que se aproximassem jogadores e clubes de seus torcedores.

Em “O Globo” a partir de 1931, Mario Filho deu continuidade a essas transformações utilizando-se de textos com linguagem mais simples. A relação pessoal de Mario Filho com dirigentes de clubes cariocas, como Flamengo e Fluminense, também contribuiu para essa mudança na forma de se escrever sobre o esporte, agora mais passional e emotiva, o que acabava por aproximar os leitores.

É atribuída a ele uma mudança na cobertura de esporte pelos jornais, mais próxima dos leitores, a começar pela forma de se referir aos clubes de futebol: ao invés de “Fluminense Football Club”, por exemplo, se passou a se referir simplesmente como “Fluminense”, como qualquer torcedor (LOPES, 1995, p.68). Nas palavras de seu irmão, o escritor Nelson Rodrigues, “[ele] começou a valorizar tudo que um clássico ou uma pelada poderia ter de lírico, de patético, de sublime ou de ridículo” (O Globo, 26/09/2010, Esportes, p.8).

A chegada de Mario Filho ao Jornal dos Sports ocorreu em 1936. Fundado em 1931 pelo jornalista Argemiro Bulcão, derivado do “Rio Sportivo”, o JS foi o primeiro periódico com temática esportiva a ter circulação diária, o que contribuiu para dar um novo impulso à imprensa da área.

No Jornal dos Sports, Mario Filho deu continuidade às transformações que havia começado nos jornais por onde havia passado. Agora como diretor, Filho teve seu campo de influência aumentado. Ele parecia, inclusive, bastante consciente da existência de uma relação entre política e esporte. Ao dizer em seu livro “O Negro no Futebol Brasileiro” que “é de uma importância ainda não devidamente analisada a influência do esporte, sobretudo do futebol, na vida política.” (FILHO, 2003, p.365) ele deixa clara essa ideia. Sua incursão pelo jornalismo esportivo fez dele um “ministro informal do futebol” (CASTRO, 1998).

O historiador Alexandre Couto, que desenvolveu uma pesquisa de doutorado sobre o Jornal dos Sports, afirmou que o “Jornal dos Sports tinha a pretensão de atuar duplamente no desenvolvimento do campo esportivo carioca, ao noticiar os fatos e eventos ligados aos esportes e de interferir no cotidiano deste campo, ao promover discussões e debates que teriam impacto nas ações dos clubes, nas associações esportivas e nas políticas públicas” (COUTO, 2011). Para tal, a figura de Mario Filho foi determinante.

Ficando à frente do jornal até 1966, ano em que faleceu, Filho foi o criador e responsável por diversas ações promovidas pelo Jornal dos Sports que influenciaram no cotidiano do Rio de Janeiro e até mesmo do Brasil, como os Jogos Infantis e os Jogos de Primavera, que serão analisados mais adiante.

Os eventos do JS tomaram uma proporção tão grande que as páginas do jornal, muitas vezes, eram destinadas em grande parte para a divulgação e acompanhamento dos eventos realizados. O jornal alimentava diariamente as expectativas pelos seus eventos e, com o sucesso alcançado, chegou a criar um setor, o “Departamento de Certames”, responsável apenas pela organização destes.

Não é exagero dizer que no Jornal dos Sports de Mario Filho, mais do que veiculadas, as notícias, com a promoção de campeonatos, jogos e concurso eram criadas. Ou, como publicado em uma matéria sobre a 5ª edição do bem sucedido Torneio de Vôlei de Praia, “o Jornal dos Sports não se limita, assim, ao encargo por si só valioso de acompanhar, comentar e noticiar os diversos acontecimentos esportivos. *Realiza também. Constrói. Lança a semente e estimula a concretização de grandiosos cometimentos esportivos.* E o faz sempre em harmonia com clubes e entidades.” (JS, 22/12/1951, p.6) [Grifos meus]

## **Disciplina, civilidade e saúde: a importância de ser “moderno” nos eventos do Jornal dos Sports**

Ao longo dos 30 anos de diretoria de Mario Filho no Jornal dos Sports, foram realizadas centenas de eventos. Os esportes eram variados, incluindo os mais tradicionais como futebol, vôlei, basquete, atletismo, até outros inusitados como pesca, bambolê, corrida de tricycle, futebol de botão.

Com a passagem do século XIX para o XX, percebeu-se uma mudança no entendimento sobre a importância da prática de esportes no Brasil. Até final do século XX, as atividades esportivas eram consideradas prejudiciais à saúde. No entanto, com o passar dos anos, nas primeiras décadas do século XX, buscando alinhar-se com as potências “civilizadas” européias, o esporte passou a ser valorizado e recomendado por médicos para as famílias e também junto à imprensa. Um novo modo de vida - esportivo - passou a fazer parte do cotidiano das classes mais altas das sociedades brasileira e carioca.

Em princípios dos anos 1930, a cidade do Rio de Janeiro ainda tentava se enquadrar nos padrões culturais e sociais europeus para entrar, enfim, no “mundo civilizado”. A prática de esportes já estava associada à ideia de saúde, de desenvolvimento e modernidade, o que justificava as campanhas desenvolvidas pelo JS para criar uma cultura do esporte no Rio de Janeiro. A cidade estava crescendo, acompanhando o ritmo de um país que se desenvolvia, e agora contava com o esporte para isso. O esporte era, então, uma via para a modernidade.

Este objetivo - a modernidade – seria alcançado, de acordo com a proposta dos eventos do JS, especialmente a partir da absorção de dois conceitos pela sociedade: civilidade e disciplina. Estas duas palavras estiveram presentes constantemente na descrição e finalidade de muitos eventos e concursos realizados pelo Jornal dos Sports. Havia de fato a ideia de que o esporte seria um instrumento capaz de aparelhar as pessoas e seus comportamentos.

Um exemplo disso foi a campanha realizada em 1936, intitulada “Competição das Torcidas”. Percebe-se pelas matérias publicadas sobre o concurso que havia um interesse em reorganizar a forma de torcer do carioca, assemelhando-a a dos americanos, por exemplo, como descrito nos trechos abaixo:

Trata-se de um certame original inédito no Brasil. Dessa forma o JS inicia uma campanha tenaz pela organização das torcidas,



aproveitando os matches de grande repercussão. Escolhemos o Fla-Flu porque o cotejo dos maiores rivais do football carioca representou, sem dúvidas, a atração nº1 da temporada, reunindo o maior número de torcedores. (JS, 09/12/1936, capa)

A ideia lançada pelo JS da 'Competição das Torcidas' no Fla-Flu despertou como era natural o mais vivo entusiasmo. Tal certame inteiramente inédito no Brasil *é o primeiro esforço que se realiza entre nós para organização dos torcedores em blocos unidos vibrando em tom uníssono sob a disciplina de chefes indicados pelos clubs.* Tentaremos, portanto, introduzir no Brasil o que se faz nos EUA, adaptando, porém, essa 'competição das torcidas' ao feito brasileiro." (JS, 1 (JS, 10/12/1936, p.6) [Grifo meu]

A ideia de “processo civilizador” do sociólogo Norbert Elias, que determina a auto-contenção, toma forma nos certames do JS. O esporte era um espaço importante para o extravasamento das emoções, mas isso devia ser feito de forma civilizada, ou disciplinada.

O “processo civilizador” descrito por Elias se desenvolve, entre outros fatores, por meio de circunstâncias que proporcionam a exteriorização de emoções, considerando que isso já constitui o processo de interiorização das normas civilizatórias. Ou seja, as emoções não devem ser expostas de qualquer forma, ou em qualquer lugar, e isso é resultado da absorção de idéias civilizatórias.

A busca pela emoção nas atividades recreativas, ou “miméticas”, é o outro lado do controle e restrições presentes nessa vida “civilizada”. Afirma Elias, em parceria com Eric Dunning que:

Fora do contexto mimético, o público despertar de intensa excitação e a manifestação de um comportamento excitado são controlados, de um modo geral, de forma severa; são limitados pela própria consciência das pessoas. No contexto mimético, a excitação agradável pode demonstrar-se através da aprovação dos amigos e da própria consciência, desde que não exceda certos limites. Pode experimentar-se ódio e o desejo de matar, derrotar adversários e humilhar inimigos. (ELIAS; DUNNING, 1995, p.184)

Assim, as atividades recreativas tornaram-se um espaço em que, com a aprovação social, se pode expressar em público algum nível de emoção. É por meio delas que se experimenta o extravasamento, sem colocar em perigo e sem perturbar a ordem social, como por exemplo uma torcida de time de futebol que se manifesta de forma “uníssona sob a disciplina dos chefes”.

Com o avanço do processo civilizador aumenta-se a auto-contenção e estabelecem-se convenções sobre onde devemos expressar nossos sentimentos. E, como cada vez mais esses lugares se restringem a nichos específicos, muitas emoções foram repassadas para o lazer e para a prática de esporte. Incentivar ações esportivas era, dessa forma, incentivar práticas civilizadas.

Ao analisar a importância do esporte no Rio de Janeiro do final do século XIX e início do XX, Ricardo Lucena afirma que

nesse ambiente, o esporte caracteriza-se como uma ação ‘nova’ e própria de uma sociedade em transformação. É considerado, pelas elites, como uma prática ‘civilizada’, por isso educada e educativa, em contraposição aos jogos tradicionais vistos como parte de uma sociedade colonial e arcaica, fonte de emergência de atitudes rudes e primitivas. (LUCENA, 2001, p.11).

Mesmo estando algumas décadas após os anos estudados por Lucena, o Rio de Janeiro de 1930 e 40 ainda vivia sob essas ideias, como percebe-se pelos objetivos dos eventos do Jornal dos Sports. Havia um interesse em associar as palavras “progresso”, “desenvolvimento”, “beleza”, “emoção”, bastante presentes nas reportagens, à prática de esporte. Modernidade, cidade, urbanização, comunicação, avanços tecnológicos não contrastavam com a ideia de buscar emoção no esporte, mesmo que a emoção viesse pela leitura de um jornal (COUTO, 2011, p.51).

A palavra “disciplina”, como dito anteriormente, apareceu em diversos eventos do JS, fosse como um objetivo a ser alcançado ou como uma obrigação dos participantes, que poderiam ser punidos caso agissem de forma indisciplinada ou premiados se cumprissem com a “ordem”.

O jornal criou em 1947 um prêmio chamado “Oscar”, “iniciativa tomada por Jornal dos Sports para premiar jogadores profissionais, aspirantes, juvenis, juízes, técnicos e clubes que mais se destacassem (...) pela sua conduta técnica e pelo seu comportamento disciplinar” (JS, 17/01/1948, p.4). Era o “certame da técnica e da disciplina”. Ao final do campeonato era realizada uma festa para a premiação dos atletas que tivessem atingido as mais altas pontuações nos quesitos técnica e disciplina ao longo do campeonato.

A “disciplina” faz parte do campo de estudos do filósofo francês Michael Foucault, e está destaque na sua pesquisa sobre instituições de poder na obra “Vigiar e Punir”. A análise de Foucault concentra-se no surgimento de um regime moderno de

poder, em que esse é imposto por meio de processos que contribuem para um “adestramento” dos indivíduos. Instituições sociais como escola, hospitais, fábricas, presídios são instrumentos disciplinares, e agem na manipulação e controle dos corpos. O esporte moderno pode ser pensado como uma dessas instituições disciplinadoras, a partir do momento em que cria conhecimentos, técnicas, normas e discursos que colaboram com o controle do corpo.

Nas palavras de Foucault,

a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele uma ‘aptidão’, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (FOUCAULT, 2009, p.134)

As Olimpíadas Operárias, empreendimento realizado pelo Jornal dos Sports e pelo Ministério do Trabalho em 1947, são um exemplo de como se buscava a disciplina através do esporte. Foi caracterizada como um evento voltado ao “atleta-trabalhador”, com o objetivo de dar a ele a possibilidade de praticar e competir. Contou com a participação de mais de mil atletas distribuídos em 40 equipes, representando as fábricas e empresas que trabalhavam. A abertura, realizada no dia do trabalho, foi um sucesso, segundo o jornal: “Espetáculo digno da maior data do Trabalhador. A imponência do desfile dos atletas as empresas em São Januário constituiu o traço marcante da abertura sensacional da ‘Primeira Olimpíada Operária.’” (JS, 01/05/1947, capa).

Informou em matéria publicada no dia 1 de maio daquele ano que “trata-se de um certame despido de qualquer caráter político (...)”, com o “esforço comum de servir ao desporto alheio às correntes ideológicas partidárias”. No entanto, o regulamento determinava a obrigatoriedade do trabalhador participante de possuir carteira de trabalho, expedida pelo Ministério do Trabalho, e contribuir com o imposto sindical. Logo, entende-se que não era qualquer trabalhador que poderia participar do evento, mas apenas aqueles que estivessem enquadrados nos moldes determinados pelo governo. O contexto histórico pós-governo de Getúlio Vargas permite a compreensão dessas exigências feitas ao trabalhador.

Houve ainda uma clara manifestação do jornal em relação aos aspectos disciplinares do evento: “Eliminação sumária, à menor manifestação de indisciplina”

(JS, 02/04/1947). As Olimpíadas Operárias se repetiram no ano seguinte, com um maior número de participantes, demonstrando que a iniciativa tinha tido sucesso.

### **Os Jogos Infantis: “crianças de hoje, atletas de amanhã”**

Se disciplina, saúde e civilidade eram aspetos determinantes nos eventos do Jornal dos Sports de modo geral, parece claro que estes se destacariam, especialmente, nas promoções esportivas voltadas aos públicos infantil e adolescente. A preocupação do JS com a infância e juventudes brasileiras foi um dado muitas vezes presente nos eventos criados durante o período de 30 anos de presidência de Mario Filho.

O primeiro projeto voltado a crianças a aparecer no jornal foi em fevereiro de 1937, em uma parceria entre JS, O Globo e o Clube de Regatas do Flamengo, e intitulou-se “Criança Rubro-negra”. As crianças que quisessem participar deveriam escrever uma frase com as palavras “Flamengo” e “Brasil” e enviá-las em um papel com os selos da promoção, publicados diariamente nos jornais, colados nele. Como prêmio, essas crianças teriam aulas de educação física, buscando atingir dois objetivos: o amor pela pátria e interesse pela educação física. Em matéria publicada no dia 12 de fevereiro, foi escrito que

não há um club que cuide de criança, que prepare para o futuro, que a torne forte e são de corpo e espírito. A criança no Brasil não tem educação physica e a que adquire nasce do esforço próprio estimulado pelos exemplos de atletas famosos. Mas não se veja ahi cultura physica, educação sportiva. (JS, 12/02/1937, p.4)

No mesmo ano o JS realizou, também com o jornal O Globo, a “1ª Olympiada Colegial”, competição esportiva entre colégios do Rio de Janeiro, que possibilitou um intercâmbio entre as escolas “de Piedade até a Gávea”. Percebe-se aí uma ênfase no caráter integrador do esporte, unindo crianças de bairros distantes geograficamente. Segundo o JS, a competição “constitue o inicio de uma nova era para a cultura physica como parte saliente do ensino no Brasil”; “maior certame infanto-juvenil do Brasil” (JS, 11/10/1947). Dez anos depois foi realizada uma nova edição das Olimpíadas Colegiais, agora com apoio da Secretaria de Educação e Cultura. Destacou o jornal que seria entregue a Taça Mario Filho ao educandário mais disciplinado.

A disciplina apareceu também como um fator determinante no I Campeonato Aberto de Football Mirim, de 1949. A manchete no dia 22 de junho de 1949 afirmava

que “Será exigida absoluta disciplina (...) porque antes de mais nada o que os promotores do certame fazem questão é que se veja apenas football, sem incidentes e sem casos.” (JS, 22/06/1949, p.4)

Os eventos realizados, independente do tamanho, demonstravam a preocupação que o JS tinha com jovens e adolescentes. A exemplo do Campeonato Infantil de bairros, Torneio de Futebol de 1942, que teve ainda um concurso para eleger um narrador mirim para os jogos; o Campeonato Universitário de Atletismo de 1947 cujo objetivo era encontrar novos valores pro atletismo nacional; Campeonato Colegial de Football, também em 1947, cuja finalidade se assemelhava à da Olympiada Colegial, de reunir alunos de vários lugares da cidade e incentivar o esporte, todos buscavam incutir nos petizes – palavra muito usada no jornal – os valores de disciplina e civilidade..

Com a realização destes concursos, jogos e eventos, o JS tornava-se um incentivador à prática esportiva pelas crianças e adolescentes no Brasil. A principal mobilização foram os Jogos Infantis, criados por Mario Filho em 1951. Anunciou o jornal em 11 de janeiro daquele ano:

Competições infantis de todos os desportos. Uma verdadeira olimpíada destinada a incentivar a nossa infância às atividades desportivas.

(...) cumpre, assim, o Jornal dos Sports, o seu vasto programa de cooperação com os que servem aos desportos, incentivando-os na mais longa escala. Agora, por exemplo, lança-se à maior campanha que já se terá sustentado até hoje no campo das realizações esportivas. Trata-se da conclamação da infância à prática dos desportos. (JS, 11/01/1951, capa e p.6)

Nos meses que se seguiram, o jornal foi informando em “doses homeopáticas”, como de praxe, de que forma seriam realizados os jogos, estimulando assim os leitores a entrarem na atmosfera de sua nova empreitada. Os Jogos tiveram abertura no dia 19 de maio, no Estádio do Fluminense, e contou com a presença de um grande público:

Espetáculo inédito na vida da cidade a abertura dos Jogos Infantis. Três mil crianças em maravilhoso desfile. Educando através da recreação – É esta, precisamente esta, a maior finalidade dos Jogos Infantis. Com essa iniciativa os garotos desde cedo vão encontrando roteiro certo para suas atividades. (JS, 19/05/1951, capa).

A primeira edição dos Jogos Infantis teve bastante sucesso e repercussão, inclusive no meio político. A Câmara Municipal se manifestou aprovando por

unanimidade um voto louvor à empreitada de Mario Filho, que contou ainda com o apoio do então presidente Getúlio Vargas. E, a partir de 1953 tornou-se uma tradição do evento a presença do presidente da República na cerimônia de abertura ou encerramento, o que confirma a ideia de Mario Filho como uma figura que transitava entre políticos. Passaram por lá os presidentes Getúlio Vargas, Café Filho e Juscelino Kubitschek. Outras instâncias de poder também manifestavam apoio aos Jogos, como a Prefeitura do Rio e seus vereadores, que eram frequentemente entrevistados pelo JS com objetivo de darem seu parecer – sempre positivo, naturalmente – sobre a competição.

A ideia transmitida pelo Jornal dos Sports em suas reportagens era a de que os Jogos atingissem a todos, e que assim os objetivos de promoção do esporte e de seus valores fosse alcançado, como reportado em matéria publicada no dia 29 de janeiro de 1957:

(...) nesses seis anos de realizações, a Olimpíada Infantil prestou tantos e tão relevantes serviços ao esporte brasileiro que adquiriu um raro prestígio que vai desde os componentes das mais diversas camadas sociais até aos altos dirigentes esportivos, e até mesmo aos representantes supremos de nossos poderes, como é o caso dos presidentes da República (...) (JS, 29/01/1957, p.3)

Outro dado relevante sobre os Jogos Infantis é que a cada ano eram consultados educadores e pediatras a fim de destacar toda a relevância que a promoção realizada pelo jornal tinha sobre a educação e saúde dos “pequenos”. Educar era também objetivo do certame, que buscava “estimular a infância na prática desportiva, despertando-lhe a atenção e o gosto pelas atividades relacionadas com o aperfeiçoamento físico, disciplinando-a e encaminhando-a no verdadeiro sentido educacional do desporto” (JS, 20/01/1953, p.3).

Por isso, educadores dissertavam nas páginas do jornal a cada ano sobre a importância da prática esportiva para a socialização e disciplina das crianças e adolescentes, enquanto os médicos ressaltavam os benefícios que trazia para saúde, a fim de “incentivar a prática do esporte em nossa infância, criando petizes capazes de se tornar homens e mulheres fortes e sadios” (JS, 23/01/1952, p.3). Vê-se, desta forma, que o JS procurava embasar de todas as formas as suas realizações, dando ainda mais credibilidade a elas.

Os Jogos Infantis foram crescendo a cada ano, chegando a ter 16 mil participantes em 1956. O Jornal dos Sports, assim, marcava com mais uma realização o calendário esportivo do Rio de Janeiro, e também do Brasil.

### **Os Jogos da Primavera: o “bello sexo” no esporte**

Desde o princípio da leitura do Jornal dos Sports para este trabalho foi possível perceber o destaque dado à participação de mulheres na prática esportiva em si ou no cotidiano esportivo da cidade.

A participação de mulheres no esporte no Brasil ganha forma no início do século XX, junto com a valorização da prática esportiva que acontecia no país. Se antes a presença feminina em ambientes esportivos não era vista com bons olhos, com o passar dos anos passou-se a entender a importância do esporte para as mulheres, pensamento fruto da ideia de um país moderno, civilizado. As mulheres deveriam estar incluídas nesse projeto.

No entanto, a inclusão não se daria da mesma forma entre os sexos. Inicialmente a prática esportiva feminina foi regulada, vetando-se a participação em determinados esportes como futebol, lutas, salto com vara, rugby, entre outros, por serem considerados violentos e não adequados ao corpo feminino. O decreto-lei de 14 de abril de 1941 afirmava que

as mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições da sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) – criado pelo mesmo decreto para orientar, fiscalizar e divulgar os esportes no Brasil – baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.

Havia uma preocupação em relacionar as mulheres esportistas a uma imagem de graça, de feminilidade, que a princípio seriam características antagônicas ao esporte, tomado como viril, dotado de força, numa alusão ao que se costuma considerar como características masculinas. Percebe-se nitidamente esse cuidado nas páginas do JS, referindo-se sempre às mulheres com palavras como “charme”, “beleza” e “graciosidade” como forma de valorizar uma feminilidade que supostamente estaria ligada diretamente a esses atributos.

No Jornal dos Sports o “bello sexo” - forma como se referiam ao sexo feminino nas matérias - é destacado como entendedor dos esportes, e por isso, é sempre

convidado a participar das atividades. Não podemos ignorar o fato de que essa era também uma excelente estratégia de marketing para o jornal, afinal de contas valorizando a participação feminina, ampliava-se o público consumidor do jornal. Mas fato é que essa valorização pode ser contextualizada na história dos esportes no Brasil e na inserção feminina nas atividades esportivas nas primeiras décadas do século XX, como visto anteriormente.

Nas matérias publicadas sobre o “Concurso de Palpites” (uma espécie de “bolão” em que os participantes opinavam sobre os resultados dos jogos de futebol), por exemplo, as mulheres eram caracterizadas como tão ou mais entendedoras de futebol quanto os homens, logo estariam aptas a palpar sobre os resultados das partidas. Neste trecho, da edição do ano de 1937 do concurso, fica clara a grandeza da participação feminina no certame do JS:

O bello sexo integrado às emoções sportivas. Mais de sessenta mil senhoras e senhoritas concorreram ao sétimo bolo desta folha e 'PRE-3'. Já vae longe o tempo em que o sport era privilégio de homem. Tudo evoluiu. O 'sexo bello' deixando os preconceitos de lado, introduziu-se nos sports, dando alegria às praias, vida ao estádio e animação às piscinas. (...). Uma prova das tendências sportivas da mulher brasileira está patenteada no número verdadeiramente assombroso de concorrentes do sexo bello ao 'sétimo bolo esportivo' organizado organizado pela Rádio Transmissora' e JS. Num total de 151.212 concorrentes, 64.311 pertencem ao chamado séxo fragil. Como se verifica, 40% dos leitores do JS pertence ao sexo feminino. (JS, 11/08/1937, capa)

O JS também realizou competições destinadas exclusivamente às atletas. Os Jogos de Primavera, o maior exemplo, foram criados em 1949 por Mario Filho dentro dessa onda de valorização da participação das mulheres no esporte.

No dia 23 de julho daquele ano, o Jornal dos Sports anunciou pela primeira vez o seu mais novo empreendimento esportivo no Rio de Janeiro:

Jogos da Primavera! O mais bonito certame desportivo do Brasil! Mais uma iniciativa do Jornal dos Sports visando desta feita a maior propagação, entre nós, dos desportos femininos.

(...)Foi atentando para o estímulo que está a merecer o desporto feminino, ainda carecedor de maior propagação, que o Jornal dos Sports incluiu em seu programa de iniciativas a realização de uma Olimpíada incentivando a prática de todos os esportes praticados pela mulher. (JS, 23/07/1949, capa e p.6)



Como era de praxe no JS, a partir do primeiro anúncio seguiram-se matérias diárias sobre o evento, criando nos leitores uma expectativa quanto à Olimpíada que aconteceria em setembro. Todos os detalhes dos preparativos eram anunciados, bem como as demonstrações – sempre ditas como favoráveis – do público em relação ao evento.

No dia seguinte à declaração da criação dos Jogos da Primavera, o jornal publicou que foi “recebida entre as mais justas manifestações de simpatia, a notícia da realização dos Jogos da Primavera de iniciativa do Jornal dos Sports aparece desde já como o melhor instrumento de incentivo e propaganda dos desportos femininos, já que a sua programação se dedicará exclusivamente à mulher” (JS, 24/07/1949, p.5).

Nesta primeira edição participaram atletas de 19 clubes e cinco educandários. Os esportes praticados foram: atletismo, basquete, ciclismo, esgrima, hipismo, natação, tênis, tênis de mesa, vôlei e vela, esportes permitidos pelo decreto-lei de 1941. Foi concedido apoio da Prefeitura do Rio de Janeiro, prática comum aos eventos do JS, e o então prefeito Mendes de Moraes foi o responsável por presidir a inauguração dos Jogos.

Os objetivos dos Jogos de Primavera eram lembrados a cada ano no jornal. Eram eles: “Dentro das finalidades principais dos Jogos da Primavera, que são a propagação dos desportos femininos e a exaltação da mulher que pratica quaisquer modalidades esportivas (...), “a iniciativa do Jornal dos Sports de estimular e exaltar a prática dos desportos pelas nossas jovens (...)”, “conduzir a juventude a prática de exercícios físicos”. Nota-se que novamente é possível traçar uma relação entre esporte, juventude e saúde, como nos demais eventos do JS.

Ainda dentro da relação entre esporte, feminilidade e beleza, os Jogos de Primavera caracterizavam-se também pela eleição de uma atleta participante como a “Rainha da Primavera”. Para tal, não era necessário apenas que a atleta fosse bonita, mas ela também deveria ter um bom desempenho no esporte que praticava. Os critérios de avaliação, cujas notas iam de zero a dez, eram eficiência esportiva, beleza e graciosidade:

a eleita será não só a mais bela e portadora de maiores dotes de graciosidade, como terá o mérito de se haver portado como atleta praticante, já que no cômputo geral irá influir a plástica, os traços fisionômicos, a eficiência técnica e até a disciplina de cada concorrente, embora com predominância da parte física, cujo peso de pontos irá ao máximo de 70% (...) Constituirão o júri pra a escolha da „Rainha“, os artistas Carlos Chambelland, Quirino Campofiorito e

Georgina de Albuquerque, professores da Escola de Belas Artes; o escultor Humberto Cizzo; os escritores Ana Amélia Carneiro e José Lins do Rego, além do cineasta Milton Rodrigues.(JORNAL DOS SPORTS, 1949)

A necessidade de se afirmar uma feminilidade no esporte pautada na graça e na beleza estava sempre presente nos Jogos da Primavera. Tanto que o júri da “Rainha de Primavera” ao invés de ser formado por pessoas conhecedoras de técnicas e modalidades esportivas, era composto por entendedores de estética. Nesse caso, importava mais que as mulheres fossem bonitas do que competentes na prática esportiva.

O sucesso da primeira edição foi atestado pela matéria publicada no dia 23 de novembro:

Cem medalhas, 15 troféus e outros prêmios num verdadeiro Record! (...) o certame organizado pelo Jornal dos Sports não só atingiu os seus objetivos de difundir os desportos femininos, como movimentou e estimulou as jovens que habitualmente militam nos campos desportivos ou se sentiram atraídas pela onda de entusiasmo lançada pela iniciativa que hoje todos aplaudem. (JS, 23/11/1947, p.3)

Em 1950 realizou-se a segunda edição, e o evento foi crescendo a cada ano contando com a participação de mais agremiações, clubes, colégios. Não será possível, nem tampouco necessário, dissertar sobre todas as dezessete edições dos Jogos de Primavera que aconteceram até o ano de 1966. Destaco, entretanto, o ano de 1965 em que foram realizados os Jogos Mundiais da Primavera, com a presença de delegações da Europa, Estados Unidos e do resto da América. O Torneio já havia ganhado dimensão internacional ainda nos anos 1950, quando afirmou o JS que “(...) o prestígio dos Jogos da Primavera, todos já sabem, não se restringe apenas ao Distrito Federal e adjacências, já atinge todo o Brasil, já ultrapassa fronteiras indo até o estrangeiro, sendo a jornada conhecida no mundo inteiro (...)” (JS, 06/07/1956, p.3).

Os Jogos de Primavera foram realizados pelo Jornal dos Sports ao longo de 23 anos. Segundo a pesquisadora Ludmila Mourão, contribuíram para impulsionar a participação de mulheres no esporte no Brasil. Para ela,

verifica-se que o esporte feminino passou por uma mudança substancial na medida em que a mulher esportista teve espaço na mídia, ganhou força junto à opinião pública; logo, os Jogos possibilitaram e favoreceram a transformação das representações restritivas à prática do esporte pela mulher. Como se pôde confirmar,

os Jogos se constituíam em um evento de grande participação de moças e de público. (MOURÃO, p. 16, 2000)

No entanto a historiadora Cláudia Maria de Farias elabora uma interessante crítica aos Jogos da Primavera. Em sua análise, a competição pode até ter servido de estímulo ao esporte feminino, uma vez que reunia milhares de atletas, mas não rompeu com as barreiras de preconceito que havia na época. Teria apenas enquadrado mulheres atletas em um nicho específico para elas. Afirma ela que

a criação dos Jogos representava a tentativa de contornar o recente dilema criado pela institucionalização do artigo 54, do Decreto lei 3199. Neste sentido, como incentivar os desportos entre as mulheres, sem abalar a rígida fronteira interposta entre os sexos? Assim, a lógica simbólica que presidia a criação dos Jogos da Primavera apresentava o seguinte objetivo: seduzia e mobilizava as mulheres com a proposta de constituir um espaço destinado exclusivamente à prática esportiva feminina, apagando a memória das sanções existentes ao instituir um marco fundador neste campo.

Em outras palavras, os Jogos de Primavera teriam sido uma forma de introduzir as mulheres no mundo moderno e civilizado proporcionado pelo esporte sem, no entanto, mexer nas estruturas preconceituosas que suspendiam a prática esportiva feminina em sua totalidade.

### **Considerações finais**

Em 1º de janeiro de 1957, o Jornal dos Sports anunciava:

Calendário para os Jogos de 1957. Datas para os Jogos da Primavera e os Jogos Infantis. Conforme faz tradicionalmente, o Jornal dos Sports apresenta hoje os seus calendários para as olimpíadas que promoverá em 1957, seguindo a linha de promoções do seu Departamento de Certames. (JS, 01/01/1957, capa)

Esta costumava ser a notícia principal do primeiro dia do ano no Jornal dos Sports: o anúncio do calendário esportivo daquele ano. O periódico “alimentava-se” dos próprios eventos, e assim criava em seus leitores, diariamente, a expectativa para os “grandes acontecimentos”.

Das diversas ações esportivas do Jornal dos Sports, promotoras dos mais diversos esportes, foi possível observar características comuns a grande parte delas. O

contexto histórico da primeira metade do século XX justifica a preocupação recorrente com ideais como civilidade, saúde e civilidade. Era preciso combinar todos esses fatores para, enfim, ser considerado moderno. E o esporte, antes visto com maus olhos, era uma das vias que possibilitaria alcançar esse objetivo.

Jovens e mulheres foram os alvos dos maiores eventos promovidos pelo Jornal dos Sports. Os Jogos Infantis mobilizavam milhares de crianças e adolescentes numa jornada esportiva que tinha como finalidade promover os ideais de educação e saúde. Ensinava-se aos pequenos os benefícios do esporte – tanto físicos como morais - para garantir, no futuro, adultos sadios e disciplinados.

Os Jogos de Primavera, competição destinada exclusivamente às mulheres, combinava ideais de beleza e graça, compatíveis ao que se entendia como feminilidade. As mulheres poderiam e deveriam praticar esporte, mas apenas aqueles que estivessem de acordo com seu corpo, com a sua genética. Os Jogos da Primavera inseriram as mulheres no mundo esportivo no Brasil, mas em um mundo específico, no qual o que se entendia como “ser mulher” se sobrepunha ao “ser atleta”.

Podendo ser considerados inovadores e incentivadores da prática esportiva ou apenas uma forma encontrada por Mario Filho, a partir do esporte, para alcançar objetivos que manteriam uma desejada “ordem”, os eventos promovidos pelo Jornal dos Sports tiveram bastante sucesso e ainda ecoam no imaginário e memória esportiva do Rio de Janeiro.

### **Referências Bibliográficas**

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico. A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

COUTO, André Alexandre Guimarães. *A hora e a vez dos esportes: criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, 1985.

FARIAS, Cláudia Maria de. Os Jogos Femininos e a experiência liberal-democrática no Brasil (1946-1964). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011.

FILHO, Mário Rodrigues. *O Negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003. 4ª edição.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 37 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*. Recife, 17 de junho de 1938.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LOPES, José Sergio Leite. Esporte, Emoção e Conflito Social. *Mana Estudos de Antropologia Social*, vol.1 n.1, 1995, pp. 141-165

\_\_\_\_\_. A vitória do futebol que incorporou a pelada. A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. *Revista USP*, nº22, jun/jul/ago 1994, pp. 64-83.

LUCENA, Ricardo de F. *Esporte na cidade*. Campinas: Autores Associados, 2001.

MEINICKE, Thaís. Imprensa esportiva carioca: surgimento, modernizações e segmentação. *Anais do VIII Encontro Nacional de História da Mídia*, 2001.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade Sportiva: primórdio dos esportes no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. *Movimento*, ano VII, nº13, 2000/2.

RODRIGUES, Francisco Xavier F. Pierre Bourdieu: esquema analítico e contribuição para uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte. *Sociedade e Cultura*, v.8 n.1, jan./jun. 2005, p.111-125.

\_\_\_\_\_. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 6, nº11, jan/jun 2004, p.260-299.

SANTOS NETO, José Moraes de. *Visão do jogo – primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

## **Periódicos**

Jornal dos Sports

O Globo